

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
CURSO DE CIÊNCIAS SOCIAIS**

ROSIMAR BRAZ DE ARAÚJO

LUTA E RESISTÊNCIA PATAXÓ NO EXTREMO SUL DA BAHIA

BELO HORIZONTE

NOVEMBRO/2018

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
CURSO DE CIÊNCIAS SOCIAIS

ROSIMAR BRAZ DE ARAÚJO

LUTA E RESISTÊNCIA PATAXÓ NO EXTREMO SUL DA BAHIA

Monografia apresentada como requisito parcial de
obtenção do título de bacharel em Ciências Sociais,
pela Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da
Universidade Federal de Minas Gerais

Orientação: Profª Drª Karenina Vieira Andrade

BELO HORIZONTE
NOVEMBRO/2018

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo divulgar parte da história do Povo Pataxó da Aldeia Boca da Mata e Aldeia Barra Velha do extremo Sul da Bahia, de forma a ressaltar as lutas ao longo dos anos partindo da reivindicação de direitos por seu Território de ocupação tradicional. No primeiro capítulo apresento o registro histórico da presença Pataxó a partir do diário de campo do Príncipe Maximiliano Wied-Neuwied (1815-1817). No segundo capítulo há elementos da história que deu origem ao grande massacre que culminou no “Fogo de 51” na Aldeia Barra Velha em que os Pataxó sofreram na pele a violência provocada por dois sujeitos vindos do Rio de Janeiro criando um conflito entre os Pataxó e policiais e moradores da região. No terceiro capítulo apresento a Criação do Parque denominado de PNMP- Parque Nacional do Monte Pascoal com criação e implementação no período de 1943-1961 que acirrou conflitos entre os Pataxó e o órgão ambiental IBDF- Instituto Brasileiro de Defesa Florestal. No quarto capítulo apresento a retomada do Monte Pascoal que ocorreu em 1999 e os eventos que marcaram esse período.

Palavras Chave: Memória Pataxó, Território, Luta, Monte Pascoal

DEDICATÓRIA

A meus avós Rosária Máximo e Levino Ribeiro, a todas os anciões e lideranças Pataxó que lutam incansavelmente pelos direitos de nosso povo, à minha família que sempre esteve presente e me apoiando a seguir meus objetivos.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Niamissu (Deus) por ter me dado saúde e força para concretizar esta etapa. A meus pais Nilton Pinheiro de Araújo e Maria Cordeiro Braz, pelo amor, apoio, incentivo feitas a mim.

A minhas irmãs Rosangela Braz, Marcia Braz, Rosileide Braz, Jocimara Braz e a meu irmão Isaias Braz pelas mensagens de conforto em minha ausência.

As lideranças Indígenas Pataxó da Aldeia Coroa Vermelha Cacique Aruã, Alberto do Espírito Santo Matos (Itambé) e comunidade indígena que fazem parte desta luta e lutam desde sempre no que tange o ensino superior e aos Direitos reivindicados pelo Povo Pataxó.

A meus amigos Irene Guimarães e Rodrigo Santos que me acolheram em sua casa no momento do vestibular e que na amizade fizeram parte de minha formação.

A minha orientadora Professora Karenina Andrade pelo empenho e paciência na orientação deste trabalho.

A meus amigos que me acompanharam neste processo, Isadora Cunha, Italo Cassimiro, Amanda Trindade e outros que criei laços de amizade durante minha trajetória nesta Universidade.

E a todos que direta ou indiretamente fizeram parte da minha formação, o meu muito obrigado. Nitxi Awêry!

SUMÁRIO

1- INTRODUÇÃO	4
2- METODOLOGIA	4
3- Histórico da presença Pataxó na região	5
5- A criação do Parque	13
6- Retomada do Monte	20
7- Praça da Resistência	22
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	24

1 - INTRODUÇÃO

Esta monografia consiste em etnografia de base qualitativa de forma a dar voz aos Pataxó da *Aldeia Boca da Mata* e *Aldeia Barra Velha* no que diz respeito às lutas e resistências ao longo dos anos. Com foco na relação com o território ocupado tradicionalmente pelo Povo Pataxó, ressalto a importância das lutas para se pensar o território. Estou apresentando como os Pataxó vivem e dando voz aos mesmos a partir de acontecimentos que marcaram a história do povo Pataxó, trazendo narrativas a partir de quem vivenciou as lutas pelo território Pataxó do *Monte Pascoal*. Os povos indígenas enfrentam sobretudo vários desafios por conta da negação de seus direitos pelo Estado, no entanto os Povos indígenas vem criando mecanismos de autodefesa e se organizam para lutar pela garantia de seus direitos.

Sou Rosimar Braz de Araújo pertencço a etnia Pataxó, nasci em 1990 na Aldeia Pataxó Boca da mata que faz parte do Território Barra Velha e está localizada no município de Porto Seguro- BA, cresci na Aldeia Coroa Vermelha onde convivo com meus familiares e sempre morei na aldeia estabelecendo contato com meus familiares que são de várias aldeias Pataxó. Ingressei na Universidade Federal de Minas Gerais em março de 2011 me ausentei apenas para estudar com apoio de meus pais Nilton Pinheiro de Araújo e Maria Cordeiro Braz e de minhas irmãs Rosângela Braz, Marcia Braz, Rosileide Braz, Jocimara Braz e Isaias Braz que sempre me incentivaram em meus sonhos e planos, ressalto o apoio das lideranças Pataxó da Aldeia Coroa Vermelha Cacique Aruã, Alberto Alvares (Itambé), Benedito Cacique e demais lideranças Pataxó da Aldeia Coroa Vermelha que acompanharam esse processo do meu desejo de ingressar numa universidade, lideranças que sempre estão na luta em prol dos direitos indígenas e enquanto líderes se organizam politicamente para dialogar com Estado. Minha avó Rosária Máximo que cito neste trabalho faleceu em 2004, sempre me incentivou a seguir meus sonhos em seguir firme na luta pensando na raiz do Povo Pataxó.

Os Pataxó vem resistindo há 518 anos neste Brasil e enquanto Pataxó estou ocupando este espaço que é a Universidade dando visibilidade a meu povo Pataxó no sentido de que sempre me inspirei nos conselhos de minha avó Rosária Máximo ao que tenho recordações e lembranças e de Firmo Ferreira que era seu primo de primeiro grau e tiveram sua contribuição

Pataxó de luta pelo Território Barra Velha, assim como grandes líderes Pataxó como Tururin, Josefa Ferreira, Honório Borges, Epifanio, Palmiro e outros anciões que são referência de luta no que tange os Direitos Indígenas reivindicados pelo povo Pataxó.

2- METODOLOGIA

Foi realizada uma pesquisa etnográfica nas Aldeias *Boca da Mata* e *Barra Velha* a fim de discutir o processo histórico das lutas Pataxó pelo Território. Partindo da perspectiva dos Pataxós e com base na história oral, guardada na memória do Povo, colhi relatos dos anciões e de lideranças Pataxó e de moradores das aldeias que vem dando continuidade a esta luta. Foram feitas entrevistas com lideranças e moradores das aldeias Pataxó de Boca da Mata, Aldeia Barra Velha, Aldeia Pé do Monte e Aldeia Coroa Vermelha. Reforço os autores indígenas que tratam da temática de luta pela demarcação do Território Barra Velha a partir da perspectiva do Povo Pataxó que vivenciou as atrocidades cometidas no período do “Fogo de 51”, ocorrido na Aldeia Barra Velha. Analiso também o período de criação do Parque Nacional do Monte Pascoal, a retomada do Monte Pascoal e também tenho como base bibliográfica o estudo feito pela Antropóloga Maria do Rosário Gonçalves de Carvalho que foi umas das primeiras antropólogas a fazer o estudo do Território Pataxó, além de tomar como fonte o relato de viajantes como Maximiliano Wied-Neuwied a partir de seu livro “Viagem ao Brasil” 1815-1817, publicado na Alemanha em 1820, a tese de doutorado de Rodrigo de Azeredo Grunewald intitulado “Os índios do Descobrimento”: Tradição e Turismo.

3- Histórico da presença Pataxó na região

Os Pataxó vivem no extremo Sul do estado da Bahia, entre os municípios de Porto Seguro: (Aldeia Barra Velha, Aldeia Boca da mata, Meio da mata, Campo do boi, Cassiana, Guaxuma, Xandó, Bugigão, Pará, Pé do Monte, Jitaí, Reserva da Jaqueira, Aldeia Velha), Santa Cruz Cabralia: (Coroa Vermelha, Mata medonha, Aroeira, Nova Coroa, Mirapé, Novos guerreiros, Txihí Kamaiurá), Itamaraju (Aldeia Trevo do Parque) Prado: (Águas Belas, Tawá,

Craveiro, Cahy, Corumbauzinho, Alegria Nova, Maturembá, Monte Dourado, Pequi e Tibá), em Minas Gerais nos municípios: Itapeçerica (Aldeia Muã mimatxi), Imbiruçu (Fazenda Guarani: sede imbiruçu e Retirinho) e Araçuaí (Aldeia Cinta Vermelha Jundiba), Açucena (Aldeia Jeru tukunã).

O povo Pataxó é conhecido por sua arte que está composta no artesanato, os colares, pulseiras, brincos, gargantilhas confeccionados pelos Pataxó são feitos de sementes de Juerana, tento, timbui, pariri, salsa da praia, pacari, mauí, sabão de macaco, milagre etc., estas são as matérias-primas utilizadas na produção do artesanato. As árvores são plantadas nas roças próxima a suas casas, nos quintais e em roças mais isoladas é o meio de sustento das famílias. Os artesanatos do Povo Pataxó de Barra velha são vendidos a turistas em Caraíva, na praia de curuípe, praia do espelho em Trancoso, Arraial D'ajuda, em pontos turísticos, os artesanatos são vendidos na maior parte nos meses de Dezembro, Janeiro, Fevereiro, mas desde sempre os Pataxós tanto homens quanto mulheres se dedicam à confecção dos artesanatos e viajam para vender o artesanato em outros estados assim como os Pataxó de outras aldeias.

Na aldeia Pataxó de Coroa Vermelha tem o comércio indígena que foi inaugurado no ano 2000 e são vendidos diversos artesanatos, sendo assim o artesanato é a identidade é a marca do povo Pataxó.

A língua Pataxó pertence ao tronco linguístico macro-jê, da mesma família de línguas do Povo Maxakali. A língua Pataxó é conhecida por “Patxohã”, que significa língua de guerreiro, passou por um processo de revitalização que iniciou em 1999 a partir de diálogos e da iniciativa de professores indígenas das aldeias Barra Velha e Coroa Vermelha. A língua Pataxó sofreu impacto diante das imposições da violência colonial praticada contra os mesmos, numa tentativa de incorporar o indígena à civilização. Foi a partir disso que elementos da língua Pataxó por um longo tempo ficou esquecida e desde 1999 os Pataxós vem fazendo resgate da língua, que ficou prejudicada com o contato com o mundo não-indígena.

A presença Pataxó no extremo Sul da Bahia é descrita pelo naturalista alemão Maximiliano Wied-Neuwied (1815-1817) em seu livro “Viagens ao Brasil”, publicado em 1820 na Alemanha. Os Maxacalis e Pataxó, segundo o naturalista, ocuparam o mesmo território entre o rio João de Tiba e São Mateus. Os Pataxó estão em contato com não-índios

desde o século XIX. O naturalista alemão aponta a presença Pataxó na margem norte do São Mateus habitada pelos “Pataxó, Cumanacho Machacali e outras tribos até Porto Seguro” (1989:170). Wied-Neuwied aponta ainda os Pataxós como os “Índios mais reservados e desconfiados de toda a costa litorânea”.

De acordo com Costa (2008), “A expedição de Maximiliano começa a subir o Rio Doce no final de Dezembro de 1815; a 1 de Janeiro de 1816, encontram-se na barra de São Mateus, confluência de diversos rios onde segundo Maximiliano, as florestas são “povoadas por tribos livres de selvagens”. Afirma também, que há muitos índios não-civilizados em São Mateus, entre eles os Pataxós, Cumanachos, Maxacalis e Botocudos, e que há constantes conflitos entre eles e os colonos, por conta da abundância de madeira de alta qualidade na região” (COSTA, 2008, p.61).

Ainda segundo Costa (2008), na observação de Maximiliano Wied-Neuwied feita aos Pataxó: “Eram da tribo dos Pataxós dos quais não vira nenhum até então, e tinham vindo havia poucos dias, das florestas para as plantações. Entraram na vila completamente nus, sopesando as armas, e foram imediatamente envolvidas por um magote de gente. Traziam para vender grandes bolas de cera, tendo nós conseguido uma porção de arcos e flechas em troca de facas e lenços vermelhos”.

“Esses selvagens não tem nenhuma aparência extraordinária, não são nem pintados nem desfigurados: alguns são baixos, a maioria é de estatura meã, um tanto delgados, de caras longas e ossudas, e feições grosseiras [...] Comida era o principal desejo deles” (WIED-NEUWIED, 1958, p.207).

Segundo Costa (2008), “O Príncipe faz na sequência uma comparação entre os índios Pataxó, Puris e Maxacaris, afirmando que a despeito de algumas sutis diferenças físicas, todos são muito semelhantes “no aspecto externo”, assim como em seu comportamento” (COSTA, 2008, p.66).

Os Botocudos e Pataxós na época deste registro segundo o naturalista alemão guerreavam entre si para disputar os melhores espaços pelo território e compartilhavam do mesmo território, os Maxacalis ajudavam os Pataxó nos confrontos com os Botocudos que são atualmente os “Krenak” que habitam a região do Rio Doce.

A afirmação do Príncipe Maximiliano Wied-Neuwied, que pressupõe os Pataxós como “reservados e desconfiados”, reflete o fato de que a presença de curiosos em seu território

fazia com que eles se escondessem nas matas, na intenção de manter sua cultura afastada do mundo do branco e que manter uma certa distância era preciso como parte de proteger a si mesmo - algo que hoje, a meu ver, diante das violências coloniais praticadas ao meu povo, uma invasão de nosso espaço, os Pataxós têm motivos para serem reservados e desconfiados.

De acordo com (Costa, 2008) “Ao visitar uma fazenda em Itaúnas, Maximiliano narra mais uma das estratégias dos fazendeiros no sentido de proteger suas terras contra possíveis ataques, a de trazer índios para o entorno, na tentativa de civilizá-los, e utilizá-los na defesa contra os assim dito selvagens” (COSTA, 2008).

Por ser um dos povos que tiveram contato com o colonizadores, o termo “Descobrimento” não existe em nosso contexto indígena. Esse termo é considerado por nossos anciãos e lideranças como um termo que parte de uma perspectiva europeia de quem já estava com objetivo de roubar nossas terras, impondo toda uma forma de violência que foi considerado um contato trágico para nossa cultura. Então essa expressão “Descobrimento do Brasil” não existe para nós, Pataxó. Esse contato parte de um processo trágico em que os indígenas descobriram os colonizadores e não os colonizadores o terem descoberto, até porque já viviam vários povos habitando aquele espaço e não tem o porque de apontarem que nós Pataxó nos rendemos fácil à colonização pois não havia meios de fugir dos colonizadores, eles invadiram nosso território e chegaram impondo diversas formas de violências, chegaram de uma forma invasiva.

Sobrevivemos hoje como nossos antepassados, a partir do que a natureza oferece, a nossa cosmologia Pataxó está associada à natureza, que é envolvida pela mata atlântica, desde então meu povo detém de conhecimentos que giram em torno da natureza. O território é administrado a partir do conhecimento tradicional, do que foi passado por nossos antepassados, o Território é sagrado e fundamental para nossa vida.

Enfatizo que o Estado brasileiro historicamente nunca esteve a favor dos direitos indígenas, sempre quis tirar nosso direito tradicional às terras em que vivemos. Meu povo vive numa região ilhada pelo turismo onde é denominada “Costa do Descobrimento”, em que a maior parte das terras está nas mãos de empresários do ramo turístico, fazendeiros, etc. A região onde meu povo vive é ambicionada regionalmente devido às riquezas das terras, isso no que diz respeito à natureza, a fauna, flora, subsolo. Os povos indígenas tornam-se alvo de

políticas federais, interesse de grupos políticos e econômicos, entretanto a questão indígena perpassa por interesses diversos.

O direito tradicional à terra é um argumento que é discutido em relatos de muitos anciãos e anciãs Pataxó, os que já partiram e os que ainda estão entre nós contribuíram para deixar registrado na memória Pataxó, através de seus relatos em que emocionalmente falam da luta pelo Território Barra Velha, episódios que marcaram a vida do Povo Pataxó como o “Fogo de 51” ocorrido no ano de 1951 na Aldeia Barra Velha, e se tratou de um extermínio, que foi uma forma do estado acabar com meu povo Pataxó, no entanto os Pataxó vem resistindo bravamente para existir enquanto povo.

4- O Fogo de 51

Em toda a história do Povo Pataxó não tem como não falar dos massacres que ocorreram com meu povo em 1951 e está na memória dos Pataxó. Nossos anciões sofreram para deixar esta terra para nós Pataxó que é o Território Barra Velha. A aldeia Barra Velha é denominada de “Aldeia mãe” pelo fato de ter dado origem às demais aldeias Pataxó e foi o local onde meu povo sofreu as atrocidades cometidas por militares no ano de 1951.

Sempre ouvi falar do Fogo de 51 quando pequena. Minha avó Rosária Máximo falava sobre este massacre e outras histórias de luta Pataxó enquanto recebia visitas de parentes em casa, até mesmo quando Firmo Ferreira, que era seu primo aparecia em casa para conversar com a família, mas entre familiares minha avó contava as histórias do nosso Povo Pataxó.

Firmo Ferreira era um liderança Pataxó que morou na Aldeia Barra velha e Aldeia Boca da Mata era primo de primeiro grau de Rosária Máximo (minha avó), Firmo lutou segundo meu Pai Nilton contra os guardas do IBDF- Instituto Brasileiro de Defesa Florestal quando estes restringiram meu povo a viver em seu Território.

Minha avó Rosário Máximo faleceu em 20 de setembro de 2004, antes de falecer ela sempre falava da luta que nosso povo enfrentou para conseguir a demarcação do Território Barra Velha, ela participou da luta, morou em Barra Velha um período com meu avô paterno Levino Ribeiro, eles participaram do processo de lutas do Povo Pataxó. Minha avó sempre falava para mim e minhas irmãs que para conseguir Barra Velha foi com muito sofrimento de lideranças como Capitão Honório, Tururim, Josefa, Epifânio, Palmiro e Firmo Ferreira, que

era seu primo. Minha avó era procurada por parentes e até não-indígenas para falar sobre a luta Pataxó, as lideranças citadas Honório, Epifânio, Josefa, Tururin, Firmo e outros, contribuíram através de seu protagonismo para manter a resistência do Povo Pataxó no que diz respeito ao território, esses líderes nos inspiraram a seguir firme a luta Pataxó, que não é uma luta acabada, mas uma luta contínua.

Falar do massacre que aconteceu no ano de 1951 na Aldeia Barra Velha é lembrar cicatrizes para o Povo Pataxó, mas é uma história que é necessário ser falada, pois foi através desse acontecimento trágico provocado pelo Estado contra o povo Pataxó que foi possível a demarcação do território Barra Velha. Os anciões e anciãs Pataxó sofreram muito com este trágico acontecimento e guerrearam para deixar a terra para os Pataxó, terra que é hoje o Território Barra Velha. Sem esse enfrentamento com o Estado na época não existiriam hoje às outras aldeias Pataxó e muito menos o povo Pataxó para contar essa história.

Há aldeias em que nem todos os anciões gostam de falar a palavra “Fogo” ao se referir ao “Fogo de 51”. É muito triste lembrar desse acontecimento para muito de nossos anciões que vivenciaram esse massacre, os meus avós e pais contam a partir do que lhes foi repassados pelos mais velhos da aldeia. Na Aldeia Pataxó de Boca da Mata os anciões, ao serem questionados sobre esse massacre, falam o nome “Revolta” e não “Fogo de 51”. Percebe-se que há a questão do silêncio envolvida de maneira muito forte, os mais velhos não gostam de falar dessas agressões, o próprio silêncio já diz muito sobre as cicatrizes dessas violações. No entanto, a história do massacre que ocorreu em Barra Velha em 1951 vem sendo narrada de geração a geração e cada família conta da forma que vivenciou.

O SPI- Serviço de proteção ao Índio não os representava, no entanto foi diante da omissão do Estado para com os Pataxó que o massacre ganhou força, os dois sujeitos que causaram este conflito se passaram por “Engenheiro” e o outro por “Tenente” como me afirmou lideranças e anciões da aldeia.

O senhor João Cancela relata a luta do Capitão Honório na viagem que fez ao Rio de Janeiro em busca da demarcação do Território Barra Velha. João Cancela conta a partir do que o seu pai, Eduardo Braz (meu bisavô), lhe conta, João Cancela tinha 11 anos de idade na época e estava na Gameleira, quem presenciou este massacre foi meu bisavô Eduardo e meu avô João Cancela chega a me relatar abaixo:

Quando o Capitão Honório chegou no Rio de Janeiro, logo veio duas pessoas logo, ele tava pensando que era gente do Governo? Ele não tava sabendo nada não conhecia aí ele conversando lá e os dois sujeito ficava reparando nele conversar, conversou aí eles disse “ah! então Índio nós vamos resolver suas terra, ah Índio não carece vocês ir lá não onde ta o Presidente não! nós vamos lá resolver suas terra nós vamos, vocês pode ir embora que depois que você chegar lá nós chegamos atrás, nós vamos lá resolver suas terras” aí ele voltou pensando que ele tava conversando com gente do Governo e era com dois ladrão que ele estava conversando aí... veio embora, o Honório veio embora, quando chegou aí passando uns 3 ou 4 dias não demorou nem uma semana chegou Honório aí os dois sujeito chegaram depois dele, aí chegou e perguntou: “onde é que tem uma pessoa rico por aqui?” logo ele deu a demonstração, os índios que não pegou, mas logo ele deu a demonstração que eles era gente ladrão. Os Índios respondeu: “aqui onde tem é em Caraíva que tem, tem um povoado em Caraíva que tem gente rico lá e diante de Caraíva tem aqui no Corumbau, aqui no Corumbau é só um”, aí os ladrão disse: “então nós vamos cá no Corumbau que é só uma pessoa nós vamos cá no Corumbau, nós vamos ajeitar o grupo ai pra nós ir no Corumbau amanhã”, assim é que foi, e logo ele procurou quem era que criava gado por lá [...] (João Cancela, Aldeia Barra Velha, Fevereiro de 2018).

Meu avô João Domingo, a partir da experiência que teve narrada por seu pai, conta que foi assim que começou a revolta. O povo Pataxó estava pensando que estes dois indivíduos eram pessoas que iriam ajudar na demarcação da terra, mas não identificaram de começo que eles eram ladrões como afirmado acima. O Capitão Honório foi enganado pelos dois indivíduos, que se passaram por agentes do Governo como se fossem ajudar na demarcação, mas acabaram criando um conflito que mais tarde se tornaria um grande massacre para os Pataxó.

Leandro Santos, em sua monografia apresentada em 2017, tendo como título “História do Ponto de vista Pataxó: Território e Violações dos direitos indígenas no Extremo Sul da Bahia” discorre sobre a luta Pataxó e inicia o começo de como tudo aconteceu a partir do relato de seu avô José Sales, que na época tinha 5 anos de idade, e conta como os dois sujeitos definidos pelo Povo Pataxó como ladrões chegam na aldeia Barra Velha .

De acordo com Santos (2017) e o relato que ele registrou, de um dos moradores da Aldeia de Barra Velha: “No dia 9 de Maio de 1951 chega na aldeia esses dois indivíduos, na data exata, como eles tinham marcado com o capitão Honório em Niterói meu avô José Sales contou no seminário “Olhar Pataxó sobre o Fogo de 51” que quando eles chegaram pediram

para reunir a comunidade, e nessa reunião muitas pessoas não concordaram com a conversa dos dois indivíduos, mas a maioria das pessoas concordaram e acreditaram neles”. E as pessoas que não concordaram com a proposta foram obrigados a aceitar, como veremos a seguir:

Esses caras chegando aqui em Barra Velha, o povoado era pouco e tinha pouca gente naquela época, só tinha a ruazinha da igreja. E o pessoal que ia chegando da roça eles não deixava o povo voltar para suas roças onde o pessoal morava, que é um lugar que se chama Murioba, outro lugar que chama o Saruê que é na beira do rio Corumbau e a Boa Vista, era só onde os índios tinham roças nessa época. Então eles foram segurando o povo aqui, e tinha um gado do pessoal de Caraíva que andava por aqui, eles falaram para o povo que aquele gado era do pessoal e que eles tinham o direito de matar aquele gado. Aqueles que não fossem, eles falavam para os outros índios mais velhos assim: “Se eles não ir vocês pegam ele batam nele e prendam eles”, era isso que eles faziam. Aí os índios iam forçados, tinha índio que fugia para não ir. (Relato de José sales 71 anos, aldeia Barra Velha, 10 de Junho de 2016)” (SANTOS, 2017, p.35).

Segundo os anciões Pataxó, esses dois ladrões criaram uma armadilha para meu povo Pataxó se passando por agentes do Governo, e inocentemente eles obedeceram os dois sujeitos e foram dando informações onde tinha gado, fazenda, comércio e a partir das informações dadas pelo meu povo aos dois indivíduos o pior estava por vir, segundo o que meu avô João Domingo relata abaixo:

Aí os índios disse assim: “Aqui no campo tem gado, aqui tem um homem em Caraíva que tem uma criação ele ta no campo aqui, um homem por nome Cecílio[...]” aí os ladrões: “pois é! amanhã nós vamos matar uma vaca aí pra vocês comerem!”, no outro dia ele reuniu o povo lá e pra ir no Corumbau, como foram no Corumbau, aí tinha um índio que era serrador de Teodomiro do homem onde ele ia fazer a prisão do Corumbau lá atacar fazer a prisão no Corumbau, o homem chamava Teodomiro era dono de serraria aí tinha um peão dele que era esse o pai de Zé Coruja chamava Antonio Braz aí ele assistiu a conversa e saiu escondidinho dos outros aí foi embora, na hora que eles tava acertando pra ir no Corumbau ir lá onde tava Teodomiro pra ajudar a aldeia, aí o Antonio Braz saiu e foi embora escondidinho e chegou lá avisou Teodomiro que era patrão dele, o Teodomiro mandou a mulher dele mas os filhos atravessar pro outro lado do Rio do Corumbau pegou a canoa e atravessou pra outro lado, e disse - “Pode deixar eu sozinho aqui!”, e o Teodomiro já tinha sido soldado ele sabia atirar bem, aí ele ficou esperando, de vez em quando ele ia assuntar na praia e o Antonio Braz se escondeu voltou de novo

escondeu no mangue pra não dizer que ele tinha ido avisar o Teodomiro, escondeu aí caiu no mangue, de lá ele foi pra Barra Velha por dentro, aí quando Teodomiro assuntou na praia ele viu um povoado vindo de lá e disse: “os povo lá vem agora” [...] aí ajeitaram dois animal pros homem amuntar, os homens foram amuntado e os índios foram andando aí quando chegou lá o Teodomiro fechou as porta tudo e ficou na Janela com a mauza, dessa vez a arma dele era uma mauza, mas diz que a mauza não é bem assim igual revólver não!, a mauza encrava ai ele tava com a mauza arriada, assim debruçada na janela, mas com a mauza na mão ai quando os povo chegou deu voz de prisão a ele o Teodomiro: - “o senhor tá preso seu menino!”, quando falou tá preso, ele disse: “Eu morro mas não me entrego”, e ai o pau comia, e o bicho era ligeiro caia emriba da sela, a bala passou em cima do nariz dele mas não ofendeu não, aí os índios já pulava a janela, a arma de Teodomiro só funcionou uma vez, quando ele manobrou a mauza pra atirar de novo, a mauza encrecou só deu um tiro, quando ele manobrou a mauza de novo a mauza atirou por debaixo da perna aí pegou na perna do finado Teotônio aí os povo pularam a janela e pegaram o homem jogaram o homem no chão [...] aí os dois homens mandou o povo pegar o Teodomiro e amarrar Teodomiro, botaram o Homem pra fora, aí foram botar fazenda pra fora também, desses tempo as fazenda era tudo em fardo, aqueles fardão de fazenda aí Teodomiro tinha fazenda, tinha ferramenta, enxada, enxadão, machado, tinha muita ferramenta, ele tinha as mercadoria tudo dele outras coisas aí botaram tudo pra fora, não sei como o pessoal levou essas coisas pra Barra Velha, sim e pegaram o Teodomiro ai e falaram: - “Vamo jogar ele dentro d’água” aí teve um que falou:- “Não faz isso com o homem não!, não joga dentro d’água não!”, mas bateram nele e amarraram ele, não jogaram ele dentro d’água, porque teve uma pessoa que pediu pra não jogar ele dentro d’água, assim que foi... ai trouxeram essas coisas pra Barra Velha e chegou cá, aí foi gente que foi repartir dar corte de pano pra uma mulher dava pra outro repartindo assim, botaram essas mercadoria tudo dentro de uma casa lá e aí foram dividindo com os povo lá, foi isso aí que fez os homens os dois, ai ele mandou um índio por nome Manoel José era irmão do Velho Eduardo Cavia chamado, mandou cortar a linha telegráfica porque hoje ninguém pode fazer uma coisa dessa porque o aviso vai logo, mas nesse tempo o telegrama avisava era pela linha telegráfica que avisava, o homem mandou o índio subir lá no poste cortou a linha telegráfica, aí pronto acabou o aviso!, o aviso ia pela linha, aí não teve aviso mais, ai pensando ficaram aí foram pro campo matar o boi, mataram uma vaca lá pra comer assim foi , e ele mandou o tio de meu pai chamado Antonio Braz entimar os outros que tava cá pra cima que não sabia de nada que nem meu pai, finado Pedro, Chico boi., Damiãozinho meu irmão estava trabalhando pras fazenda pra lá, Damiãozinho não assistiu essas coisa não e dessa vez eu tava com 11 anos, assim é que foi, aí o João Braz veio intimar o povo cá em cima e quando acaba metendo medo, metendo medo os povo de cá de cima, o que não fosse o homem mandava matar ainda intimando, era pra ir mesmo quem tivesse arma era pra levar, ele ja tava sabendo que vinha a resposta atras como veio mesmo, foi assim

que foi, rapaz esse negócio não foi bonito não!” (João Cancela, Aldeia Barra Velha, Fevereiro de 2018).

Meu avô estava na gameleira, como falado inicialmente, nessa época ainda pequeno, mas ouviu os tiros dados pela polícia, pois de Barra Velha até a Gameleira dava para ouvir os estrondos de tiro da polícia. A história contada pelo povo Pataxó é vista como uma forma de trauma de um massacre e foi uma forma de acabar com meu povo, ou seja, se trata de extermínio contra o Povo Pataxó, esta foi a forma que os Policiais que seguiam ordens do Estado encontraram para acabar com meu povo que ingenuamente caíram na armadilha e foram enganados por dois indivíduos que chegaram na aldeia.

Segundo Santos (2017) em relato que seu avô lhe conta, o “Fogo de 51” aconteceu pelo fato de terem cortado a linha do telégrafo que era o que fazia comunicação com outras cidades, como o mesmo traz no relato:

Então o pessoal fez esse movimento em Corumbau, mas a guerra mesmo só começou porque cortaram a linha telégrafa, que era o fio da comunicação. Tinha um guarda em Caraíva nessa época que era o velho Isauro... aí quando eles cortaram, e quem cortou o fio do telégrafo foi o Cavia e o irmão dele Manoel José, eles cortavam e o Bernardo Brito vinha e emendava e eles ia e cortavam de novo, por aí nessa época eles comunicavam até Caravelas e comunicava até Ilhéus, e então quando eles emendaram fizeram o pedido que os índios estavam roubando e estavam cortando o fio do telégrafo foi por aí que começou a briga de 51 (Relato de José Sales, 71 anos aldeia Barra Velha, 10 de Junho de 2016). (SANTOS, 2017, p.37)

Essa notícia do assalto praticado pelos dois indivíduos se espalhou pela região e as polícias entraram dentro da aldeia violentamente já atirando, colocaram fogo nas casas.

Segundo meu avô João Domingo, o meu bisavô Eduardo Braz ficou silenciosamente dentro de um Jasmin para se esconder dos policiais e ele viu a hora que os policiais chegou na aldeia que foi de madrugada, como se pode ver no relato abaixo:

Meu pai disse quando foi de madrugada ele tava acordado, viu uma luz cá no Sul ai disse “lá vem uma luz, lá vem uma lanterna lá!” aí não demorou chegou às polícia foi chegando e foi logo dando tiro logo, meu pai ele foi e escondeu lá dentro do Jasmim, escondido lá aí eles atiraram foi duas rajadas de tiro que deu, aquilo levou foi hora mesmo atirando, de lá de cá da Gameleira onde nós morava nós viu a rajada de tiro pra lá e assim que foi, foi duas rajada de tiro uma de madrugada e a outra ao romper do dia já, a primeira rajada de tiro que

deu, meu pai conhecia o tal do Paulo Cruz. Paulo Cruz que era polícia e ele já tinha trabalhado com ele na linha, já tinha trabalhado com ele conhecia, aí quando eles saíram, eles deram um tiroteio daí correram pra trás aí meu pai viu o Paulo Cruz falar: “Erra diacho! tem caboclo morto pra danar aí! caboclo morto pra danar!”, aí não foi nada não, que os de cá de cima parece que chegaram tudo na hora só as polícia, os de cá de cima chegou trocando tiro com os de lá que tinha vindo de lá, trocando tiro com tiro, os índios não atiraram não! os Índios não tinham armamento de atirar, mas assim que foi, quando foi o romper do dia de novo eles chegaram de novo, aí meu pai tava lá dentro do jasmim, aí quando esse Paulo Cruz falou assim:

“Avança negrada! avança negrada!” pros povo avançar. Meu pai saiu de lá de dentro do jasmim e falou com a espingarda e ainda marcou emriba de um ainda, aí ele pensou: Se eu atirar em um eu sei que eu derrubo! mas vão me matar também, aí eu com espingarda de dois canos eu sei que dois eu derrubo, mas não vou atirar não! eu vou esconder de novo! aí... ele escondeu não atirou não, escondeu ficou lá dentro do brejo, aí de lá ele tava vendo mulher chorar e aí pegaram o que puderam pegar, prendeu, prendeu quem correu correu, assim que foi e ele de lá de dentro do brejo assistindo aí os de lá falavam: “Mas esses caboclo são trabalhador !ôh como tá de coisa aqui! aqui tem ferramenta esses caboclo são tudo trabalhador...” eles não chamava “Índio” chamava caboclo, aí meu pai ficou assistindo essas coisa tudo (João Cancela, Aldeia Barra velha, Fevereiro de 2018).

Segundo o senhor João Cancela na narrativa acima os policiais se enfrentaram com o tiroteio e um grupo deles achava que era os Pataxó que estavam atirando neles, mas os Pataxó não tinha armas, meu bisavó havia ganhado uma espingarda mas se escondeu no Jasmim para não morrer. Minha Tia Joelia Braz me relata que meu bisavô Eduardo quase morreu neste terrível massacre quando ele estava chegando na lagoa ele ficou dentro da lagoa 3 dias só com a cabeça pra fora e bala passando em cima da cabeça dele.

No período do “Fogo de 51” segundo meu avô João Cancela eles ficaram impedidos de fazer farinha e muitos morreram de fome, como é relatado a seguir.

“Quando meu pai chegou todo rasgadin como fome o pobre do meu Pai e aí ôh não sei se ainda tinha alguma coisa de comer aí depois o povo combinaram tudo pra não ficar lá na beira da estrada não! pra nós esconder aí nós foi esconder lá no rio do Sul no rio do Jibura lá e fumo pra lá esconder lá dentro do mato lá oh, quando acaba agente não ficou em casa não lá na barraca nós foi fazer barraca dentro do mato lá muncado de gente mesmo fizeram barraca dentro do mato e levaram um cachorro chegou lá gente pra não ver zoadá. agente conversava mas ainda neh tão alto não!, conversava baixo Chico boi levou um cachorro que era dele o cachorro acompanhou pra não tá latindo fazendo zoadá o cachorro, Chico boi quando foi de noite passou o pau no cachorro dele matou aí quando foi de madrugada o cachorro gritou pra lá aí a sobrinha dele a Zilda, sobrinha dele e

minha também e aí ela ficou com pena do cachorro e lá foi buscar o cachorro ainda criou ainda o cachorro, aí nós padeceu lá dentro da mata lá e com fome sem poder fazer farinha ai la vai a farinha acaba nós viemo cá fora de novo mais as menina chegou cá as meninas mataram uma leitoa mas não tinha farinha a farinha que tinha era a farinha de tapioca, eita! nós comemos carne de leitoa com farinha de tapioca, meu Deus do céu ôh coisa runha! foi, depois nós viemo de novo, mas não podia fazer farinha que era na beira da estrada lugar de trânsito com medo das polícia. (João Cancela, Aldeia Barra Velha, Fevereiro de 2018).

A liderança Joel Braz que tem protagonismo de luta pela ampliação do Território Barra Velha me relata o que houve naquele período :

Os parente uns correndo com filho nas costa não teve tempo nem de pegar as coisas de casa né ficou tudo pra trás, muito sofrimento. Eu mesmo sei contar um pouquinho só do meu pessoal, assim bem pouquinho né... que nem minha mãe, meus tios que moravam lá no Ribeirão na região do Corumbau aí, naquela época meu avô teve que sair ir lá pro rio dos frades né com medo e por lá ficou uma temporada com medo de voltar e como todos né teve medo de voltar, foram voltando aos pouquinhos, o pai de Tururin foi espancado morreu um ano depois lá no Prado devido ao espancamento não aguentou morreu se ver que ele não quis voltar logo né morreu lá porque ele não quis voltar logo né, com certeza não era pra menos, tem muito dos mais velhos que até alguns já morreram que não gostava de contar, tem coisas, eu mesmo nas minhas falas eu evitei de falar muita coisa com referência a essa história de Fogo de 51 enquanto alguns parentes viviam eu já falei com a minha companheira, com Romildo, com Adalto, que são parentes do pessoal que foram torturados que eles deveriam entrar na justiça com um pedido de indenização né do Estado por esses crimes né que deve! Como a minha Jokana ela é sobrinha do velho Julio né do velho Julinho Alves que era irmão da velha Emiliana irmão da velha Basília minha sogra e Adalton também que é sobrinho da velha Santa que era mulher do velho Júlio então... Romildo é sobrinho também do velho Júlio, os parentes né o velho Júlio foi torturado, os policiais e os capangas que ajudaram a perseguir os índio então bateram muito no velho Julio botaram carga nele pra ele carregar, diz que fizeram um rabo né botaram nele no ânus é de um sabugo de milho pra poder botar a sela nele atravessaram um porco de arroubas na costa dele pra ele carregar daqui a Caraíva, o velho Cosme o pai de Zé Baraiá também teve que carregar porco daqui a Caraiva, as índias foram estupradas. (Joel Braz, Aldeia Barra Velha, Agosto de 2018).

Percebe-se a partir desta violência praticada contra meu Povo apoiada pelo estado da Bahia os Pataxós foram abandonados pelo Estado, segundo os anciões da aldeia naquela

época os Pataxós andavam com as próprias pernas para buscar os direitos que o Estado há anos ignorava, negava a presença indígena na região do Extremo Sul da Bahia. Não tinham quem fazia por eles, o índio não conhecia o Governo nas falas de meu avô João ele me afirmava.

A liderança José Ferreira ex- cacique de Barra Velha, me falara que seu avô Epifânio Ferreira foi quem reconstruiu Barra Velha após o Fogo de 51, segundo o mesmo nenhum Pataxó queria voltar para Barra Velha após este terrível massacre com medo de haver outros ataques a aldeia e isso deixou traumas até hoje na memória de nosso povo, há pessoas que até hoje guardam marcas na pele na fuga contra os policiais. Muitos devido ao massacre não voltaram para Barra Velha, famílias ficaram dispersas pelo Território.

As histórias da aldeia passou de família, passou pela minha família, começou pelo meu avô que foi o primeiro cacique conhecido no meu tempo de menino ainda quando eu estava com idade de cinco anos. E daí meu avô foi no meu tempo que acabou a aldeia no movimento da guerra de 51, os índios se espalharam todo, outros correram pra longe não quis mais voltar, e aí meu avô que era o Epifâneo Ferreira depois da aldeia acabada ele procurou ir juntando os índios pra ver se queria voltar pra aldeia pra morar de novo, deu muito trabalho pra ele conquistar os índios, que os índios estava com tanto medo que não queria mais voltar para a aldeia. Esse Epifânio Ferreira foi um dos melhores caciques, porque ele fez a aldeia se reconquistar de novo, porque já estava acabada ninguém queria mais voltar pra aldeia. (José Ferreira, Aldeia Barra Velha, Agosto de 2018).

Paulo Cruz que era o chefe dos guardas do telégrafo matou os dois indivíduos que causaram o “ Fogo de 51” e matou dois Pataxós numa fazenda em Itamaraju- BA, estes ajudaram os dois indivíduos e estavam com raiva do Capitão Honório pelo ocorrido na época do massacre. Os dois indivíduos que causaram este enorme massacre um deles era filiado ao Partido comunista da época e estava envolvido com fazendeiros da região.

Para uma historiografia mais detalhada do Fogo de 51, consultar a monografia de conclusão de curso de SANTOS (2017) sobre o tema.

O Fogo de 51 foi um evento trágico que marcou a vida do povo Pataxó. Ainda hoje, muitas pessoas têm grande dificuldade em falar sobre este assunto, pois isto faz com que relembrem o sofrimento de pais, avós e parentes. Algumas das pessoas que entrevistei se emocionaram tanto ao rememorar a tragédia que não conseguiam falar, em meio às lágrimas.

Cada vez que o assunto é discutido nas diferentes pesquisas conduzidas por estudantes Pataxó, multiplicam-se os relatos, pois cada família tem na memória as violências e torturas sofridas pelos seus parentes. Essa é uma parte da história do povo Pataxó que precisa ser contada e registrada, para que eventos como este jamais se repitam.

5- A criação do Parque

A história do Povo Pataxó é marcada por lutas, violências, momentos de dispersão em decorrência da intensa pressão que sofreram com a expansão da atividade turística e da criação de unidades de conservação em seus territórios. Os Pataxós diante da pressão colonial sobre suas terras passaram historicamente por dois momentos que considero formas invasivas do Estado em passar por cima do direito tradicional originário do povo Pataxó, anterior ao próprio Estado, suas terras, que são o período que compreende “O fogo de 51” e a “Criação do Parque” que foi denominado de PNMP- Parque Nacional do Monte Pascoal. Estes foram momentos trágicos para as formas de vida do Povo Pataxó.

A criação do Parque Nacional do Monte Pascoal tem período compreendido entre 1940 a 1961. Em conversas entre o governo e lideranças Pataxó o parque começou a ser pensado desde 1940. Em 1960 o governo federal transformou 22.500 hectares de terras ocupadas tradicionalmente pelos Pataxó em unidade de conservação para a criação do Parque Nacional do Monte Pascoal. Os Pataxó foram violentamente expulsos para abrir margem à criação do denominado PNMP- Parque Nacional do Monte Pascoal como forma de rememorar o fato histórico do “Descobrimiento do Brasil” o que deu margem a um cenário violento de expulsão de diversas famílias Pataxó que são os verdadeiros donos daquele espaço.

De acordo com CARVALHO (1977) “O Estatuto do Índio (Lei 6001 de 1973), de um outro ângulo, define como integrados, os índios “quando incorporados à comunhão nacional e reconhecidas no pleno direito dos exercícios civis ainda que conservem usos, costumes e tradições características da sua cultura” (Art.4:6). “Pouco mais adiante, tratando da liberação do regime tutelar quando requerido pelo Índio, condiciona-o quatro pré-requisitos (idade mínima de 21 anos; conhecimento da língua portuguesa; habilitação para o exercício de

atividade útil e razoável compreensão dos usos e costumes da comunhão nacional)” (Art 9:7) que satisfeitos dão ao Índio a condição de integrado cessando toda a restrição a capacidade” (Art.109:7)” (CARVALHO, Maria Rosário, 1977.p.2).

O objetivo desta Lei era incorporar os Povos Indígenas a sociedade a “Nação”, colocando o indígena como incapaz, uma ideologia integracionista.

Segundo Maria do Rosário Carvalho (2008), entre 1937 e 1945 o país vive o período de Regime de exceção, o “Estado Novo”, articulado e chefiado pelo Presidente Getúlio Vargas e apoiado por chefes militares e pelo estado da Bahia e neste período há uma quebra da Constituição decretada pelo presidente Getúlio Vargas, que passa por cima das culturas indígenas existentes à época e o Povo Pataxó passa a ser o alvo de interesses políticos do Estado. Ainda segundo Maria do Rosário, em 1938 o Presidente Getúlio Vargas cria uma comissão chamada de “Comissão do descobrimento”, que tinha por objetivo identificar o ponto exato do descobrimento do Brasil, a qual era composta por várias pessoas: “Bernardino José de Sousa, Coronel Nery da Fonseca, Capitão de Fragata Antônio Alves Câmara Júnior, Comandante Luis Alves de Oliveira Belo e Engenheiro Civil Christovam Leite de Castro; prefeito de Porto Seguro, Carlos Martins. (CARVALHO, 2008:208).

De acordo ainda com Maria do Rosário em 1938, o extremo sul baiano, região de estabelecimento dos Pataxó, será alvo da atenção do seu governo através da construção de um Porto cuja fonte de recursos provinha em grande parte da cobrança de impostos sobre madeiras e da criação do Parque Nacional do Monte Pascoal” (CARVALHO, 2008).

“O Diário oficial do Estado da Bahia de 19 de abril de 1943 publica o Decreto lei Nº 12.729 que cria o Parque Nacional do Monte Pascoal (PNMP), com prerrogativa de monumento nacional, com objetivos precípuos de rememorar o fato histórico do descobrimento do Brasil, preservar a flora e fauna típicas da região, segundo normas científicas, conservar as belezas naturais e promover a organização de serviços e atrativos que possam desenvolver o turismo” (Bahia, 1943).

Após o Decreto que cria o Parque Nacional do Monte Pascoal pelo Governo da Bahia o próximo passo é a delimitação da área. Para que este processo fosse desenvolvido havia uma equipe comandada por Dr. Barros conhecido pelos Pataxó como Aurelino Costa Barros.

Não sabemos ao certo qual a data precisa da chegada de Dr. Barros a aldeia Barra Velha, mas o ano foi ainda 1943. Naquela época a aldeia era bem pequena, possuía apenas quatro famílias, a Ferreira,

Nascimento, Alves e Braz. E quem era o chefe da aldeia, como dizem os mais velhos o Capitão era o Honório- um personagem importante na história do povo Pataxó” (SANTOS, Leandro, 2017, pg.26).

“Dentre as pessoas que guiaram Dr Barros pela floresta e carregando seus equipamentos estavam: meus dois bisavós Francisco e Antonio Braz, Epifanio, Patrício, Manuel Suia, entre outras pessoas. Todos da aldeia ficaram felizes pensando que o governo estava demarcando suas terras e ajudaram os engenheiros na execução deste trabalho” (SANTOS, Leandro, 2017, pg. 27).

Percebe-se que a história Pataxó é marcada por lutas em defesa de seu território e proteção de seu espaço, interesses econômicos diversos e em dar margem a um cenário colonial histórico que causaram diversos conflitos entre os Pataxó e o órgão ambiental IBDF- Instituto brasileiro de defesa florestal. A partir da memória dos Pataxó, a criação do parque em si foi conflituosa, trágica para as formas de vida Pataxó, pois houve restrições aos mesmos em usufruírem de seu próprio território, que é tradicional, foram assim impedidos de abrir roça, se alimentarem da floresta, foram proibidos de serem indígenas. O Estado sabia que na região do extremo sul baiano já habitavam os Pataxó, mas foi ignorada a presença indígena naquele espaço.

Em conversas com meu pai Nilton Pinheiro, este me relatou que minha avó Rosária Máximo e Firmo Ferreira, que era seu primo de primeiro grau, bem como outras famílias pataxó foram expulsos de seu espaço tradicional para dar abertura à criação do parque. Nestas conversas, meu pai me falara que não se lembra muito a respeito, pois ainda era pequeno na época, mas que sua mãe Rosária Máximo lhe contava o que se passou naquele período:

Quando criou o parque aí que criou o parque eu era menino ainda, o primo de mamãe era o Firmo Ferreira, aí ele saiu quando o pessoal saiu do parque, aí ninguém tinha direito de morar mais, aí saiu todo mundo, assim cada um procurou um canto pra ir embora a maioria deles, porque não podia botar roça nem nada, aí ia ficar fazendo o que? Era mandado embora mesmo, todo mundo despachado pra procurar um canto pra viver, aí saiu pra fora morar em outro canto, viver onde não podia morar mais da área, aí viveu muitos anos pra lá, aí quando ele voltou deu saudade dos irmãos dele dos parentes voltou pra ver cá visitar chegou cá todo mundo tava continuando sem fazer nada já tinha tempo já com isso e o povo sem fazer nada, aí ele falou: Quem manda aqui? , aqui é o caminho dos guardas passar todo dia, aí o irmão dele tava tirando piaçava, limpava lá nos mato escondido lá pro quintal lá dentro dos mato na moita, aí Firmo falou pra ele limpar na porta dele, quando ele tava limpando a piaçava o guarda apareceu,

aí falou pra ele não limpar a piaçava que ele era errado, não podia tá fazendo aquilo tirando piaçava que era proibido tirar piaçava aí o Índio Firmo falou que ali a terra era dele e ele o guarda era empregado, aí o guarda não podia fazer nada brigar com ele nem nada e foi embora avisou o chefe dele que era Mirasvaldo Siquara, aí quando ele foi embora falou: “Agora nós vamos juntar vocês pra botar roça, nós vamos botar roça agora”! aí juntou os irmãos e parentes foram botar roça, com três dias Mirasvaldo o chefe do Parque chegou embarcado no jipe dele e procurando quem era o Firmo que mandou botar roça aí ele falou que era ele, e você pode mandar botar roça?, “eu posso eu sou o dono!” meus irmãos tá passando necessidade há muitos anos e vocês embargando até hoje aí, aí foi no colerinho no Tenente Siquara que era chefe do Parque e andaram pra se garrar, ele não podia fazer nada tava armado tinha o revólver dele mas não podia fazer nada, aí ele foi embora voltou, essa notícia foi parar em Salvador em Brasília pra lá aí aconteceu que começou a liberdade foi voltando os índios botando roça e foi passando os tempo, a liberdade do Siquara acabou a metade da ousadia dele e os índios continuando botando roça, botando a rocinha deles, botando a rocinha, inte chegou a demarcação que tem que ta agente trabalhando até hoje, mas foi uma luta!
(Nilton Pinheiro, Aldeia Pataxó Boca da mata, Fevereiro de 2018)

Com a criação do Parque em 1961 os Pataxós ficaram restritos a abrir roça, não podiam caçar, coletar frutos na mata, ou seja, foram excluídos de viver em seu próprio território. Considero mediante os massacres que já haviam ocorrido anteriormente com meu povo uma violência contínua do Estado em impor o que era importante ao pensamento de nacionalização, produzindo uma imagem de valorização histórica do “Descobrimento” e desconsiderando a presença indígena na região onde meu povo vive.

Segundo os anciões e lideranças de meu povo, os Guardas do órgão ambiental da época, o IBDF- Instituto Brasileiro de Defesa Florestal, eram quem proibia meu povo de caçar, de retirar qualquer alimento da floresta, qualquer bem de raiz, ou seja, os Pataxó não tinham do que sobreviver se não fosse da natureza, que é de onde há toda uma conexão estabelecida e esse elo foi cortado a partir da Implementação e Criação do Parque Nacional do Monte Pascoal e foi uma opinião contrária aos Pataxó que já habitavam este espaço.

Uma das famílias que foram despejadas diante da criação do Parque, foi a família de Firmo Ferreira, que era primo de primeiro grau de minha avó Rosária Máximo, minha avó também foi expulsa à época e segundo relato da liderança Pataxó Oziel Santana isso fica claro:

Essa criação do parque ela foi assim uma criação do parque que prejudicou os Pataxó que vivia, nasceu e criou dentro aqui dessa área de Barra Velha, Ribeirão, o Saruê, o Monte Belo, o Angelim, essa a Onça, então esses local que eu to falando fica aonde que os índio morava dentro do parque né, dentro do parque e tem a Joana, hoje se você for fazer um trabalho de pesquisa dentro do parque, dentro do parque morava os índio Pataxó tá entendendo? E lá tem um lugar chamado Pinguela que já fica encostada na Onça, tem a Onça e o Anjo, lá tem o cemitério aonde que sepultava os índio né, inclusive tem até um tio que é irmão de minha mãe que foi enterrado lá, o meu avô, o pai de meu pai, e minha avó, que era mãe de meu pai, foi enterrada em Barra Velha, então pra nós ter todo esse conhecimento, então esse conhecimento eu aprendi com os mais velhos, com o Firmo, Rosária que é sua avó, que é prima carnal de meu pai, e os outros, Firmo e Nascimento e Maria Antonia, esses povo Deus já levou eles, então quando criaram a criação do parque em 1961 esses índio morava tudo dentro do parque, aí onde que tiraram eles de dentro do parque pra fora, ai colocaram ali na muriã, que era onde Tururin morava , finado Tururin, então essa luta do parque é uma luta que trouxe muita preocupação pra os índios, que eles vivia ali sossegado e quando chegou nesse tempo que foi a criação do parque tiraram eles tudo pra fora e aonde que eles foram morar, nesse lugar onde que Tururin colocou o nome de Muriã, que já fica na beira do oceano, então os índios passaram muito sofrimento, comendo caranguejo, não tinha nem direito de ir no mangue tirar um caranguejo, pra comer ia escondido, tirar piaçava eles ia escondido, pra vender essa piaçava eles tinha que carregar essa piaçava até de noite pra poder eles levar pra Caraíva, o cobrador dessa piaçava chamava um cidadão chamado Luiz e eu conheci ele, ainda tempo de piaçava pra gente também, então a luta nossa através do conhecimento né, do estudo e com idade de 18 anos eu acompanhei meu pai, fui pra Pernambuco e lá nós tivemos uma reunião lá com os outros parentes lá e aí eles falaram que o Parque Nacional Monte Pascoal é uma terra indígena, é uma terra indígena, então o IBDF tirou eles pra fora porque saiu e eles não tinha o conhecimento que esse parque que foi criado em 1961 seria uma terra tradicional do povo Pataxó então de lá pra cá foi uma briga muito travada né, pra os nossos velhos, não podia caçar, nem pescar, fazia todos esses manejo era de noite pra dar o sustento pra seus filhos (Oziel Santana, Aldeia Pataxó Pé do Monte, Fevereiro de 2018).

A piaçava era a fonte de renda das famílias um meio de sustento devido muitas famílias Pataxó estarem passando fome essa piaçava era vendida como forma de sobrevivência, os Pataxó retiravam a piaçava escondido de forma que os guardas do IBDF não descobrissem, mas era o único meio de forma de renda e para comprar alimentos. Diante da expulsão do parque, estas famílias ficaram desorientadas, não sabiam para onde ir. A partir da criação do Parque e da proibição imposta aos Pataxós, os mesmos ficaram dispersos pelo

território e foram obrigados a buscar outros meios de sobrevivência, ficaram por anos se alimentando de caranguejo, mariscos, o mar e o mangue eram os únicos meios que os Pataxó encontraram para se alimentar na época da proibição dos guardas do IBDF.

Em relação ao mangue na alimentação Pataxó diante dos conflitos da criação do parque afirma Carvalho, (1977) “A sua importância como fonte de proteína animal é grande, estando o grupo tradicionalmente ligado a coleta que ali realizava e que, em muitas oportunidades, tem garantido a sua sobrevivência” (CARVALHO, 1977, p.339)

Ainda segundo Carvalho (1977), “Na verdade, nas épocas mais difíceis da sua história os Pataxó têm-se mantido quase que exclusivamente às custas dos mariscos que ele fornece, e se não fora por isso talvez tivessem desaparecido como grupo sedentário e coeso. Durante todo o período em que o impediram de fazer roças e de caçar, e os constrangeram assim em seu espaço físico e econômico, foi o mangue a única parte do ambiente que explorou livremente” (CARVALHO, 1977, p.339).

Firmo Ferreira, segundo meu pai Nilton Pinheiro, teve uma discussão com o chefe do Parque, de nome Mirovaldo Siquara. Firmo estava insatisfeito com a expulsão das famílias do parque pelo fato de sua família ser uma das expulsas. Essa discussão causou repercussão e foi parar em Brasília, chegando ao conhecimento de políticos na época.

A partir da restrição imposta aos Pataxó, lideranças resolveram tomar uma posição contra esta ação autoritária a meu povo. A liderança à época que tomou a frente foi Dona Josefa da Aldeia Barra Velha, segundo seu filho José Ferreira dos Anjos, que foi Cacique de Barra Velha, a sua mãe Josefa não estava de acordo com esta proibição feita aos Pataxó e não tinha medo de enfrentar os guardas do IBDF para defender o território.

Meu pai em relatos me conta que os guardas do parque não queriam saber de ninguém tirando nada da mata, na época da proibição o Senhor Benedito Baú que mora atualmente na aldeia Cassiana foi impedido de caçar:

Quando o pessoal tava em Boca da Mata recente na aldeia criada recente, foi no Pé do Monte os guardas viu Benedito Baú, viu ele caçando num lugar que chama Céu azul, bem pra dentro da mata, aí os guardas do IBAMA estava pesquisando a mata perceberam que tinha caçador na mata, aí viu ele pegando tatu, aí os guardas tomou a espingarda dele, facão e bateram nele rumaram o tatu nas costas dele (Nilton Pinheiro, Aldeia Boca da Mata, Fevereiro de 2018).

Em conversas com a liderança Pataxó ex-cacique da aldeia Barra Velha José Ferreira dos Anjos o mesmo relata sobre a luta de sua mãe Dona Josefa Ferreira que lutou contra os guardas do IBDF:

Minha mãe que era Josefa Ferreira ela viu que ia deixar o IBDF na época tomar a terra dos índios e botar nossa aldeia pra fora ai ela tomou a frente e começou a andar caçando os direitos para a demarcação de Barra Velha e nessa época que a minha mãe tomou a frente eu tava na idade de 5 anos também e foi eu que comecei a andar aonde ela ia procurar as providências dela, o companheiro dela era eu, ia mais ela, naquilo ia aprendendo e procurando os direitos da aldeia. Nessa época eu ainda não era o cacique ainda não, eu ainda tava me praticando com os mais velhos pra poder conhecer a luta da terra da demarcação da terra que não foi fácil pra poder adquirir essa terra demarcada e aí eu e minha mãe e todos os índios de Barra Velha, o IBDF proibiu de fazer roça, pra plantar e eles não tinha condição de plantar porque tinha medo do IBDF prender eles, aí ia tirar Piaçava era escondido só tirava de noite saia de casa de noite e chegava de noite com medo dos guardas pegar e prender, passava muita privação de fome comia banana verde pra poder aguentar, mangaba verde quando vinha do mangue vinha comendo as mangaba verdinha do jeito que tava pra poder aguentar a chegar em casa e assim eu fui crescendo com essa vidinha runha que nós passamos e assim quando minha mãe não aguentou mais de fome quando ela viu que os filho e todo mundo da aldeia ia morrer de fome porque não tinha de onde tirar o sustento aí que ela se destinou mesmo a fazer roça se ela fosse presa diz ela que ia satisfeita, mas não ia morrer de fome depois de criada então aí que ela mandou um irmão meu botar uma roça e meu irmão era o mais velho era o primeiro ai ela mandou ele botar uma roça pra ela plantar alguma coisa pra poder comer pra ela não morrer de fome depois de criada foi quando os mesmos índios da aldeia foram lá e falaram pro IBDF que minha mãe estava botando roça na época e aí o IBDF veio e levou minha mãe debaixo de ordem porque tava botando roça as primeiras vezes que ela foi debaixo de ordem quem ia com ela era meu irmão que estava botando roça ele que ia com ela, depois que ela botou a roça que plantou que cortaram a cerca dela arrancaram as plantas e jogaram em cima da terra foi daí que meu irmão voltou em casa tomando conta dos filhos dela mais pequeno e eu fui andar com ela ai nessa andada que eu tava viajando com ela pra onde ela precisava de ir eu ia com ela, foi que eu fui aprendendo vendo ela resolver as coisas cobrando os direitos dela e eu sempre ouvindo, não dava minha palavra mas eu ficava ali ouvindo que ela estava reivindicando os direito e os órgãos procurando ajudar e com muita luta por muito tempo eu fui crescendo na luta sempre na luta e já tinha o Luís Capitão que continuava sendo o capitão deles mas só que ele não resolvia nada então nós tomemos a frente eu e minha mãe que era irmã dele e procuremos mesmo tomar a frente porque senão tomássemos a frente nós não estávamos aqui nesse lugar que estamos (José Ferreira dos Anjos, Aldeia Barra Velha, Agosto de 2018).

O pessoal tinha tirado nós pra fora e assim lutemos, lutemos quando foi numa época e aí foi quando eles rancaram as plantas da minha mãe que ela tinha plantado com tanto trabalho que ela teve aí foi que minha mãe disse: “ agora o Ailton que era o que botou a roça vai ficar tomando conta das crianças e Zé vai viajar comigo e assim foi o que ela fez. Eu fui viajar com ela pra poder ir correr atrás da demarcação da terra e ele foi tomar conta das criancinhas que estava pequena e minha mãe não foi muito longe pra resolver isso não, minha mãe ela é uma índia muito experiente, só não sabia ler, mas era uma índia muito experiente muito inteligente e a primeira viagem que minha mãe fez em busca dos direitos dela foi em Porto Seguro bem pertinho, os outros foram em Brasília em outros canto e não resolveram nada e minha mãe foi ali em Porto Seguro e conversou com o Prefeito na época de Porto Seguro e pediu um favor a um prefeito: “ Se for uma coisa que eu possa ajudar, eu ajudo se não for eu não tenho como ajudar, mas a senhora fala o que precisa da gente... aí foi quando ela falou pra o Prefeito que precisava dele pra fazer uma carta pra ela diretamente para o Presidente da República, ai ele falou: “Posso isso eu posso fazer”!, ai minha mãe falou para o Prefeito: “Oh Prefeito, queria só fazer uma pergunta antes de começar a escrever”... aí ele disse: “ Pode fazer a pergunta da senhora”, aí ela falou:” Eu queria saber se o senhor morasse, o senhor sendo filho do seu avô, seu avô criou seu pai depois de muito tempo teve seu pai e depois criou você naquele lugar e depois de muito tempo que o senhor morava ali, aquele lugar de seu pai é de quem? do seu pai a quanto tempo? ele morou esse lugar pertencia a quem? aí ele falou: “Pertencia a mim eu sou dono do lugar era do meu avô e do meu pai eles morreram, então eu era dono do lugar, quer dizer ela fez a pergunta só para saber que ela tava dentro dessa área desde a Descoberta do Brasil, que para o bom entendimento ela tava dizendo que quando os Portugueses chegaram os Índios já estavam (José Ferreira dos Anjos, Aldeia Barra Velha, Agosto de 2018).

A origem dos artesanatos de semente confeccionados pelos Pataxó e hoje responsáveis por parte da geração de renda de muitas famílias, teve origem no período compreendido da criação do Parque e foi uma forma de subsistência e sustento para as famílias Pataxó, que com a criação do Parque tiveram as atividades de plantio, abrir roça, caçar, pescar, coletar frutos da floresta, totalmente restritas. Os colares de semente foi uma alternativa que os Pataxós encontraram como meio de sobrevivência, já que foram proibidos de sobreviverem da floresta, com a qual sempre houve uma conexão de espiritualidade e ancestralidade. Os Pataxós, no período de criação do Parque, foram impedidos de habitar no próprio território para dar margem a um cenário considerado histórico pelos não-índios, baseado em uma imagem de “Natureza intocada”, princípios conservacionistas que passavam por cima da

espiritualidade indígena do povo Pataxó, esta atitude apoiada pelo Estado traduzia um pensamento de que nós Pataxós não éramos capazes de administrar nosso próprio território, o Estado ignorou a presença indígena na região do Monte Pascoal e passou por cima de toda uma cosmologia que está ligada à nossa relação com a natureza.

O Monte Pascoal é a referência do tempo e espaço para os Pataxó, os Pataxós se orientam pela lua e o mar e o Monte Pascoal é que determina o clima com relação ao tempo e espaço no que diz respeito a direção do vento. No entanto o Monte Pascoal é espaço de afirmação étnica do Povo Pataxó no que consiste na Aldeia Pé do Monte ser espaço voltado a afirmação da identidade local onde é praticado rituais sagrados e de fortalecimento étnico, são praticadas atividades voltada ao etnoturismo recebe muitos visitantes sendo turistas do Brasil e do exterior que se encantam com a natureza e vista do Monte Pascoal sobem a pé com guias indígenas não é permitida a subida ao Monte sem a presença destes guias.

A medição do território Pataxó feita em 1943 por Dr. Barros que compreendia 22.500 hectares, não convenceu os Pataxó, acreditam os mesmos que a área medida por Dr. Barros era para ser criado o Parque Nacional do Monte Pascoal, denominado de PNMP, e essa medição causou inquietação em lideranças Pataxó como Firmo Ferreira, que por iniciativa e de sua família fez surgir a aldeia Boca da Mata em 1982, a aldeia Meio da Mata surgiu em 1987, então as áreas do entorno do Monte foram sendo ocupadas pelos Pataxó como território tradicional.

O cacique Oziel Santana narra a origem do nome da aldeia Boca da mata e aldeia Meio da mata.

De Boca da mata a Cassiana ao Meio da mata e Barra velha é uma área só então quando a área foi entregue pra os Índios aí que saiu Índio de Barra velha e veio pra Boca da mata, de Boca da mata como era distante pra Barra velha aí de Boca da mata criou a aldeia Boca da mata, Boca da mata é porque tinha mata, assim ali onde Zezito mora né era mata, ali do outro lado onde finado cumpade Asizo morava do outro lado assim era mata, Boca da mata é assim aqui era ladeira, mata em volta e aqui tinha uma abertura onde Elizeu morava, então quem vinha de Barra velha chegava aqui descia a ladeira, cá era mata, cá era mata ai eles colocaram o nome Boca da mata.

E aí Meio da mata quem veio pra ali logo foi foi um cidadão chamado Bendito Cimpricio, Pedro de Cimpricio que veio ali pra o Meio da mata chamava Meio da mata porque era mata pra lá e mata pra cá, então colocaram Meio da mata que era mais fácil chegar daqui do Meio da mata pro Campo do boi era mata, daqui pra chegar em Boca da mata era mata,

então aqui tinha uma Boca tinha aqui botaram Meio da mata porque era uma capoeira baixa, era uma capoeira, capoeirão que tem capoeirinha, capoeira e capoeirão já transformado em mata virgem., então esse cidadão chamado Bendito Cimpricio, ali como era distante pra Barra velha aí eles criaram uma comunidade ali aí criaram Meio da mata depois com um tempo eles criaram uma aldeia aí colocou o nome “ Aldeia Meio da mata”.

(Oziel Santana, Aldeia Pataxó Pé do Monte, Fevereiro de 2018).

Firmo Ferreira, assim como outros Pataxó, foi contra a medição feita por Dr Barros. Elir Ferreira, que é seu filho mais velho, me relatou um pouco da luta de seu pai pelo Território Pataxó do Monte Pascoal:

Firmo Ferreira foi ex-pajé da aldeia Barra Velha e morou lá com um pequeno grupo de famílias, meu pai tinha um espírito forte em liderar na luta pelos direitos indígena Pataxó (Elir Ferreira, Aldeia Coroa Vermelha, Agosto de 2018).

O povo Pataxó sofreu represálias por conta de lutar por suas terras, por seus direitos territoriais. Meus bisavós, avós vivenciaram a ditadura de perto, posso dizer que o que lembro no ano 1999 e ano 2000 foi a continuidade da luta que nossos antepassados lutaram para retomar o que é seu por direito.

Relato de Diva Ferreira sobre a luta Pataxó Pataxó contra o Parque:

“Chegou um vereador o nome dele era Zezé de bunio um homem muito bom ele tava ali em Porto seguro né lutando pelos Indio ai chegou atrás dos índio, falou: “ Cadê seu pai?, aí eu falei:” Pai não tá não! ai... Cadê sua mãe, mãe tá ai... rapaz nós contente, mãe tinha botado as banana verde no fogo pra gente comer e nós contente pra comer aquela banana né e com fome já, aí quando ele chegou vinha assim perto da porta entrou, eu falei assim: “ Ah seu Zezé eu não vou não, eu não vou não!” , aí ele disse assim: “ Se vocês não for vai ficar pior pra vocês, porque seu pai não tá, vocês que tão não quer fazer a frente e como é que seus nome vai pra lá, pra voces ganhar essas terra? vocês tem que ir!” , aí ele agradou nós com aqueles biscoito ele chamava bolacha, com bolacha e manga e banana pra poder nós ir pra Caraíva dançar um awê lá na ponta de Caraíva aí eu fui nós fumo, eu Luís Capitão, Palmiro, Tururin, Maria gaga que tinha pouca gente né, os outros não estava tava pra mata ai nós fumo e alzira minha irmã que era pequena, eu disse assim: “ Essa menina não aguenta andar!” , aí Luis disse assim: “ Eu trago ela nas costa”, aí nós foi pra lá dançar esse awê já de noite, aí o homem filmava a luta ai depois dava aqueles trem pra gente comer pra aguentar chegar de novo de volta, e aquilo é duido viu! aí nós viemo embora pra casa pra fazer essa entrevista lá de Caraíva pra ganhar essa terra.

(Diva Ferreira, Aldeia Barra velha, Agosto de 2018).

A luta contra a criação do parque e pela demarcação do Território Barra velha partia de uma construção coletiva de diversas famílias Pataxó que lutaram contra as ordens dos guardas e Chefe do Parque mostrando assim a união do Povo Pataxó pela garantia de seus direitos que é anterior a Constituição como parte de um princípio originário de quem já estava aqui antes dos colonizadores europeus.

O Instituto Brasileiro de Defesa da Floresta (IBDF) foi substituído pelo IBAMA (Instituto Brasileiro do Meio ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis) este órgão ambiental passou a administrar o parque partindo do pensamento de nova gestão.

6- Retomada do Monte

Diante dos acontecimentos que perduraram anos e a questão da demarcação do território indígena do Monte Pascoal não estar totalmente resolvida, lideranças Pataxó se reuniram para se manifestar contra a posição do Estado, a retomada do território foi uma forma de recuperar o que é dos Pataxó por direito como território tradicional.

De acordo com Assis (2004), “A retomada que virá em agosto é, ao contrário do que parece a demonstração simbólica da apropriação de tudo o que representa o IBAMA para os Pataxós, sua consideração como primordial para a preservação na área. Demonstrem a partir disso, o cerne do conflito argumentativo: a diferença de perspectiva quanto a como e o que são preservação e Parque, e para que e quem se dirigem, por meio administração do Estado” (ASSIS, 2004, p 56).

O conselho de Caciques a época da retomada do monte tinha por objetivo uma organização em defesa do território Pataxó de forma a ter uma organização política dos Pataxó em buscar melhorias para o povo, pensando na recuperação do território que durante anos esteve sob o domínio do Estado e de frentes de colonização. A retomada do Monte teve início no ano de 1999. Um dos precursores deste movimento foi a liderança Pataxó Joel Braz, que foi perseguido por lutar pelos direitos territoriais do povo Pataxó. Joel Braz, devido à perseguição por ter feito retomada no ano de 1999, teve que se deslocar por várias aldeias Pataxó após sofrer ameaças, e esteve em prisão domiciliar por 12 anos, sendo criminalizado

por homicídio de um pistoleiro, mas agiu em legítima defesa e está livre desta acusação (após julgamento ocorrido em Agosto de 2017, quando foi inocentado), que ocorreu a partir da retomada da terra, Joel Braz contribuiu para a ampliação do Território Barra Velha.

Ainda segundo Assis (2004), “O objetivo da retomada não é apresentada portanto, como a expulsão do IBAMA, mas o poder sobre a sua gestão, o controle social dos recursos do órgão ambientalista e a deliberada participação nos processos de decisão. Ações prático-objetivas são indissociáveis de um sistema ético. Nesse sistema Pataxó a retomada representava mais a revolta dos índios por serem desconsiderados nos processos de decisão sobre a área e estarem pouco ou nada assessorados pela FUNAI na conquista de seu território do que a aniquilação do IBAMA ou sua expulsão literal (ASSIS, 2004, p.55).

A retomada parte do pensamento de que os Pataxós não se sentiam representados pelo órgão ambiental IBAMA e muito menos pela FUNAI desde que a reivindicação pelo Monte partia da perspectiva dos Pataxó administrarem o próprio território a partir dos saberes tradicionais que os mesmos detém, os Pataxós detém a gestão de seu espaço, a retomada do monte parte desse princípio de que somos capazes de administrar o espaço que é de origem anterior a órgãos ambientais e ao próprio Estado. Os Pataxó afirmam a responsabilidade da gestão deste espaço que é o Monte Pascoal.

Sabemos que o Estado tenta criminalizar lideranças indígenas e essa foi uma forma de atingir os Pataxó criminalizando a liderança Indígena Joel Braz que é o protagonista da retomada do Monte em 1999. Julgar um indígena que estava retomando o seu território tradicional como direito, sobretudo porque a ocupação deste território pelos Pataxó é muito anterior à Constituição Federal de 1988. A trajetória de Joel Braz é de militância, de líder indígena que luta pelos direitos territoriais de seu povo, foi cacique de várias aldeias Pataxó, Cacique da aldeia Ribeirão, foi coordenador da frente de resistência e luta Pataxó, vice-cacique da aldeia Barra Velha em 1998, cacique da aldeia Meio da Mata em em 1995, Aldeia Nova/ Pé do monte de 2000 a 2002, em 2003 Oziel Ferreira Santana assume a aldeia Pé do Monte. Joel Braz ajudou a construir 20 aldeias Pataxó. Joel Braz afirma a sua trajetória como liderança Pataxó que luta em defesa do Povo Pataxó, defendendo o território, assim como os anciões Pataxó lutaram pelo reconhecimento do Território Barra Velha, Joel Braz é protagonista da ampliação do estudo do Território Barra Velha a partir da retomada em 1999

e nos deixa a sua contribuição de luta pela ampliação do TI Barra Velha, podemos ver a partir deste relato.

Sou Joel Braz Pataxó sempre me representei como Cacique do Ribeirão, que é uma comunidade que a gente começou a organizar em 2009 a 9 km daqui de Barra Velha e sou coordenador da Frente de Resistência e Luta Pataxó. Sou filho natural aqui de Barra Velha, e eu quero falar assim um pouco do meu perfil de liderança do meu povo. Sempre eu gosto de referir que antes de eu ser eleito pelo meu povo através do conselho de caciques em 1995 eu já tinha sido eleito por Deus em várias visões e profecias como liderança de meu povo e é por isso que eu tenho estado assim nessa luta como todos já conhecem. Meu primeiro cargo de liderança foi em 1998 quando eu fui chamado pelo ex-cacique José Ferreira dos Anjos, quando ele me chamou pra ser o vice-cacique dele aqui em Barra Velha e depois disso eu fui eleito como cacique da comunidade Meio da Mata em Julho de 1995 e também fui eleito em 1998, em novembro de 98, como coordenador da APOIME, ao qual eu segui dois mandatos e o segundo mandato terminou em 2002, que foi o período que eu fui condenado e processado por causa da luta e também eu fui cacique ali em Pé do Monte, como nós colocamos o nome da aldeia “ Aldeia Nova”, que seria ali o Pé do monte e que depois em 2003 ficou dividida a comunidade, mais ou menos uma parte ficou com Oziel Santana a outra parte ficou com meu vice-cacique, que é o Jovino Braz, Jovino Braz ficou representando a Aldeia Nova e Oziel Santana como a Aldeia Pé do Monte. A minha luta foi inteiramente assim pelo direito territorial né, desde 97 eu fui um jovem que me preocupei com essa área e afinal de contas eu estou aí prisioneiro ainda me considero prisioneiro por causa da luta, prisioneiro pela consciência por querer lutar pelos direitos territoriais Pataxó (Joel Braz,, Aldeia Barra Velha, Agosto de 2018).

A luta pela retomada desta parte do território tradicional pataxó continua, pois os estudos antropológicos que fazem parte do processo de revisão e ampliação da Terra Indígena continuam em andamento. A praça da resistência foi inaugurada em 11 de Agosto de 2001, ela é parte desta luta pela retomada do território e foi construída coletivamente pelo povo Pataxó de diversas aldeias do entorno do Monte Pascoal. Foram 420 pessoas envolvidas. A Praça da resistência tem esse nome em homenagem aos Povos indígenas do Brasil dos 300 povos Indígenas. A praça da resistência era pra ser construída na Aldeia Coroa Vermelha mas ficou impedida de ser construída devido a ocupação do espaço para a Festa dos 500 anos do Brasil que foi no ano 2000 e foi um período conflituoso para os Povos indígenas que discordavam desta festa que comemorava um “ Descobrimento” que nunca existiu.

A liderança Joel Braz narra como começou a construção da Praça da resistência que está localizada na Aldeia Pataxó Pé do Monte.

A Praça da Resistência aconteceu depois de uma longa luta ali a partir da retomada do Parque Nacional do Monte Pascoal porque nós pensamos em fazer esse monumento aquele monumento que seria lá em Coroa Vermelha em 2000, mas aí o governo mandou destruir o monumento que nós estávamos construindo ali no dia 04 de abril de 2000 e como nós tínhamos retomado o parque em Agosto de 99, aí quando foi em 2001 nós construímos o monumento ali no Monte Pascoal Pé do Monte e no local onde foi construído o monumento nós colocamos então o nome “Praça da resistência” baseada na luta esse nome de resistência porque realmente o povo Pataxó tem sido resistente aí ao longo dos 500 anos de colonização.

O modelo do monumento nós fizemos em forma de uma coroa que é cinco arcos e o arco foi construído mostrando só metade, então como os arcos é curvado um a frente do outro então ficou parecendo coroa e pintamos o monumento de vermelho porque nós fizemos isso em simbologia a Coroa Vermelha, então os cinco arcos simboliza os 500 anos, que são os cinco sete, o piso é um globo em formato de um maraká com o mapa do Brasil e na face superior do mapa do Brasil nós colocamos os nomes das tribos que existe no Brasil né que deu a contagem de 245 etnias aquelas que é conhecida e fora aquelas que surgiram ressurgiram, bem e a Praça é ali mesmo no local do monumento que fica no entroncamento que serve pra gurita do parque e a subida pra o Monte e a descida que desce pras outras aldeias aqui que é Boca da mata, Meio da mata, Kassiana, Barra Velha e etc.

Bem e o monumento ele foi construído e durante poucos meses segundo não me foge a memória de fevereiro até o mês de abril de 2001 e onde se reuniu muitos parentes néh, nós construímos coletivamente foi um trabalho muito bonito néh agente carregando pedra nas costa, carregando nigério néh, crianças, mulheres néh os parente tudo ajudando e agente tem esses registros néh, um trabalho muito bom e ali é o simbolismo é da nossa resistência néh o monumento, a cor vermelha que é uma cor positiva néh significa força e também resistência é importante que eu diga que o monumento ele não é propriamente em nome dos Pataxó, mas é em nome dos índios do Brasil porque o Monte Pascoal é uma baliza nacional néh então agente fez questão de mencionar o monumento de resistência dos índios do Brasil” (Joel Braz, Aldeia Barra Velha, Agosto de 2018).

A Praça da resistência é o ponto de encontro de diversas aldeias Pataxó do entorno do Monte Pascoal e de outras aldeias Pataxó é o lugar sagrado onde habita nossos antepassados. De todos os ângulos observa-se uma forte resistência dos Pataxó e dos Povos Indígenas do Brasil como um todo, numa perspectiva de mobilização indígena os Pataxó sempre estão

reivindicando os seus direitos como forma de fazer valer os direitos indígenas. A resistência indígena aparece de várias formas desde as guerras enfrentadas pelos mesmos até as fugas para existir enquanto povo, trata-se de uma resistência de espírito.

CONCLUSÃO

A luta pelo território ultrapassa séculos e o quadro de violência, tortura, invasão ao território partindo da perspectiva Pataxó não mudou, a cada dia sentimos na pele a discriminação da sociedade é importante divulgar a realidade de nossa história que não é contada em consonância com os livros didáticos que revela uma história que parte do pensamento colonizador. A finalidade dos relatos é mostrar a sociedade que estamos resistindo para existir enquanto povo indígena de forma que nossas vozes não sejam silenciadas e que o Povo Pataxó seja reconhecido em seus direitos pelo Estado.

Pensar em realizar este trabalho foi analisando meu pertencimento ao lugar que é onde nasci na Aldeia Pataxó de Boca mata que faz parte do Território Barra Velha, a contribuição das lideranças Pataxó e das aldeias do entorno do Parque Monte Pascoal foi importante na realização deste trabalho. O campo de pesquisa foi nas Aldeias Boca da mata, Barra Velha, Aldeia Pé do Monte e também na aldeia Coroa Vermelha.

Na aldeia onde nasci Boca da Mata o acesso é por meio do ônibus conhecido entre os Pataxó por “Rodotur” que faz o trajeto dos Pataxó que moram na Aldeia Boca da Mata, Kassiana, Guaxuma que utilizam deste ônibus para fazer compras na cidade de Itabela. Este ônibus não entra na aldeia Boca da mata em períodos de chuva para evitar acidentes pois se trata de estrada de chão o acesso às aldeias, quando chovia muito eu ficava na Aldeia Coroa vermelha e só quando o sol estava bem quente dava para ir a aldeia Boca da mata tinha sempre um parente que eu me comunicava para saber sobre o tempo e se a estrada estava boa para pegar o ônibus. O ônibus que vai para a aldeia tem o nome “Boca da mata” é frequentado em sua maior parte por indígenas e por não indígenas que moram na área rural, trabalhadores de fazendas, o ônibus que vai para a aldeia Boca da mata é cheio de poeira e para chegar até a cidade de Itabela tem que acordar muito cedo mais ou menos umas cinco horas da manhã esse é o dia dia dos Pataxó quando precisam ir na cidade comprar algum alimento, remédio. Há famílias que fazem corante através do que plantam que é o Urucun e

vendem para supermercados e o mercado municipal de Itabela, o ônibus é utilizado para transportar “Farinha de Puba” (Kuiúna) que é feita na Aldeia Boca da mata e Aldeia Guaxuma.

Na aldeia Pé do Monte estava combinando com um primo para que me levasse de moto a aldeia onde está localizado o Monte Pascoal que tem 1.700 metros de altitude fiquei na casa de minha prima Ana Carina 4 dias fui num sábado e no mesmo dia que cheguei combinei com o Cacique Guaru Pataxó conhecido como Braga para que fizéssemos a entrevista na segunda de manhã pois ele teria que dar uma saída para resolver umas questões da aldeia. As perguntas direcionadas a ele foram basicamente sobre a questão da criação do Parque Nacional do Monte Pascoal e ele foi falando das restrições que foram impostas aos Pataxó no período, outras perguntas sobre essa ideia de que os não-índios têm de “Descobrimento” e em nossas conversas ele foi me falando também a história da minha avó Rosária Máximo que teve sua contribuição na demarcação do Território Barra Velha ele afirmava o parentesco que tinha com minha avó de primos de primeiro grau e pude perceber em sua narrativa o quanto nosso Povo Pataxó sofreu para ter o Território reconhecido.

Na Aldeia Barra Velha para chegar lá como é longe de Boca da Mata o deslocamento foi no buggy que meu primo Heleno estava conduzindo e estava sua esposa no buggy era num dia meio chuvoso, mas chegamos a tarde em Barra Velha e fiquei sete dias em Barra Velha na casa de minha avó materna Guiomar Mendes e do meu tio me dividi na casa de familiares fiquei três dias na casa do meu tio José Pinheiro que tem um comércio e mora em frente a Escola Indígena Pataxó de Barra Velha e nos outros dias fiquei na casa de minha avó Guiomar. O tempo na aldeia Barra Velha foi pouco e ainda ficou faltando visitar alguns parentes, mas o tempo era curto.

A entrevista com a liderança Joel Braz demorou pois ele não se encontrava em casa estava em Cumuruxatiba em outra aldeia e deixei um recado com um parente seu filho Jonas e mantemos contato para que eu pudesse contatar seu Pai para a entrevista e logo numa segunda-feira foi feita a entrevista, o local que foi feito a entrevista foi num salão perto da casa de sua filha uma parte da entrevista e continuamos em outro local que era na farinheira de sua família onde tinha crianças brincando por perto. Percebi na entrevista que há uma resistência muito grande nas falas de Joel Braz devido ao processo que ele enfrentou e como ele tem muitos filhos acredito ter sido duro para Marlene sua esposa e para seus filhos

enfrentar esse processo anti-indígena que partia de ruralistas que pressupõe interesses privados, culpabilizando-o por reivindicar seus direitos territoriais, foi uma luta sofrida ele enfrentar o tribunal, Joel responde em liberdade em legítima defesa e está levando sua vida normalmente.

Na aldeia Coroa Vermelha entrevistei o filho de Firmo Ferreira, Elir Ferreira o mesmo se encontrava abalado com a morte dos pais que segundo ele não superou a perda e era muito ligado aos pais Firmo seu pai faleceu no dia 25 de Dezembro de 2004 e a sua mãe faleceu meses depois então para Elir foram perdas grandes que no momento da entrevista ele se emocionou perguntei a ele se eu poderia mudar o dia da entrevista e ele recusou disse que iria se recuperar para me relatar a história de seu pai e estava junto da sua esposa Deusa que tentou o acalmar, mas ele resolveu seguir a entrevista demorou mais ou menos 1 hora para que pudesse me falar a história de luta de seu pai Firmo Ferreira pela demarcação do Território Barra velha, mas ocorreu tudo bem no devido respeito e ele pode me relatar e finalizei meu trabalho na Aldeia Coroa Vermelha.

O campo deste trabalho foi dividido entre os meses de Janeiro, Fevereiro e Julho de 2018 e foi gratificante ouvir relato por relato de lideranças, parentes que em suas falas há um tom de resistência muito forte sobre as lutas deixadas pelos anciões da aldeia alguns já partiram e os que estão contribuem para deixar na memória a história de luta Pataxó. e tem uma finalidade importante de grande contribuição estes relatos, que possa ser referência para estudantes indígenas e Pesquisadores não-indígenas de forma que seja levado para outros espaços a luta do Povo Pataxó.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ASSIS, Luiz Guilherme Rezende: “A produção de instrumentos de mediação de conflitos socioambientais: O caso da sobreposição entre o Território tradicionalmente ocupado pelos Pataxós do Monte Pascoal e o Parque Nacional do Monte Pascoal”. Dissertação de Graduação, UNB, Brasília, 2004.

CARVALHO, Maria Rosário Gonçalves - “Os Pataxó de Barra Velha. Seu subsistema econômico” - Faculdade de Ciências Sociais e Filosofia, Universidade Federal da Bahia. Salvador, 1977.

COSTA, Christina Rostworowski. O Príncipe Maximiliano de Wied-Neuwied e sua Viagem ao Brasil (1815-1817). 2008. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-graduação em História Social, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.

GRUNEWALD, Rodrigo de Azeredo: “Os índios do descobrimento”: Tradição e turismo. Tese de Doutorado - Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 1999.

MAXIMILIANO, Príncipe de Wied-Neuwied. *Viagem ao Brasil*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1958.

SANTOS, Leandro. História do Ponto de vista Pataxó: Território e Violações dos direitos indígenas no Extremo Sul da Bahia. Monografia, Curso de formação Intercultural de Educadores Indígenas - Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais . Belo Horizonte, 2017.